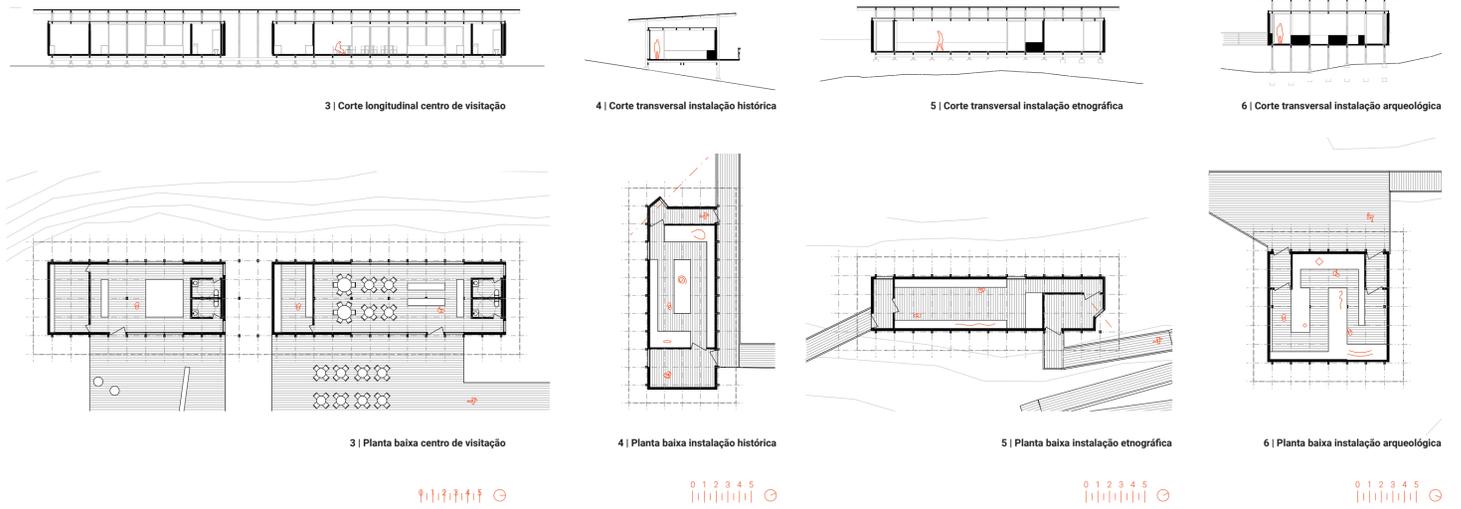




1. acesso ao público: rua com balcão visivo, estacionamento, bicicletário e ponto de ônibus 2. ponto de entrada ao centro cultural / acesso secundário para serviço - conexão direta ao equipamento âncora 3. centro de visitação 4. instalação histórica 5. instalação etnográfica 6. instalação arqueológica 7. praça seca 8. equipamento âncora 9. mirante 10. parque 11. Carga/descarga serviço 12. terraço



3 | Corte longitudinal centro de visitação 4 | Corte transversal instalação histórica 5 | Corte transversal instalação etnográfica 6 | Corte transversal instalação arqueológica

3 | Planta baixa centro de visitação 4 | Planta baixa instalação histórica 5 | Planta baixa instalação etnográfica 6 | Planta baixa instalação arqueológica



### O Centro de Reinterpretação do Sul

Considerando a vasta área e o grande desnível do terreno, o gesto que norteou a implantação das edificações foi a grande diretriz do roteiro. Para tanto, é proposto, como representado na figura 1, um percurso rasgado por um grande eixo que conecta os pontos mais distantes possíveis a nível do acesso, no fundo da cratera. O ponto de início, um centro de visitação, e o de fim, mirante e parque, são chaves para o funcionamento do itinerário cultural. Permeando esse caminho óbvio a primeira vista, ocorrem as instalações do centro de reinterpretação do sul, situadas nos antigos platôs da pedreira e conectadas por passarelas de madeira a céu aberto. O museu propriamente dito, portanto, se divide nessas 3 instalações culturais: histórica, etnográfica e arqueológica. Terminado o trajeto por cada uma dessas, se chega ao equipamento âncora, uma edificação monolítica isolada ao fim do eixo principal. Nesse equipamento se dá a maior parte do programa cultural, contando com auditório, café e restaurante, biblioteca, salas de exposição itinerantes e salas de oficinas. O corpo desse edifício serve de conexão vertical com os níveis mais elevados do terreno, vencendo o desnível dos paredões de pedra. Pela cobertura, há a conexão com a última instalação do percurso, o mirante. O caráter tectônico do equipamento âncora se desmaterializa no mirante, o qual exhibe toda sua estrutura, não possuindo fechamentos verticais. Chegando ao nível mais alto, a edificação orienta a mirada aos dois lados, início e fim. Desse ponto se vê todo o projeto por uma perspectiva diferente, uma visão elevada, completamente diferente da perspectiva que se tem na chegada ao centro, ladeada por imensos paredões de pedra, no vale criado por um movimento errado no território. Agora, no ápice dessa história, o destino final, se propõe a reinterpretação. A mirada ao sul é o entendimento da história que se pretende recontar, o entendimento elevado dessa proposta já percorrida. Ao norte, entretanto, há apenas o horizonte aberto, o território e os caminhos que clamam a serem explorados. A partir desse ponto, o público é convidado a experimentar a área aberta do parque na encosta virgem do morro, com percursos de caminhadã, trilhas, áreas de lazer e esparsos faróis de descanso. Se pretende proporcionar a reconexão com a terra, o mato, o vento e especialmente com a própria identidade gaúcha que permeia todos os que se propuserem a reinterpretar essa história.

Partindo do início, o centro de visitação segue o padrão das edificações satélites, com uma estrutura em madeira que sustenta tanto a cobertura quanto as paredes em light wood frame. O programa se dá em uma área de acesso, que funciona como portaria, com informações iniciais sobre o projeto e os percursos, além de comportar uma administração inicial do CRS. Além disso, há uma área destinada a um possível interesse privado, com a possibilidade de um restaurante e loja. Essas duas células separadas são conectadas por uma grande área aberta de piso seco à frente que indica a orientação a ser seguida para o início do percurso. A estrutura tanto dessa edificação com das instalações a seguir segue a mesma lógica. Sapatas de concreto elevam os elementos de madeira a uma altura segura da umidade. Uma superestrutura em madeira aparente segura a caixa principal, onde ocorre o programa. Essa área interna é fechada por uma laje nervurada de madeira, composta por vigotas e painéis, com os devidos isolamentos. Uma cobertura metálica elevada sombreia toda a instalação, proporcionando ainda conforto térmico pela criação de um colchão de ar.

A instalação histórica, logo em sequência, se propõe a trazer uma nova visão para os principais eventos da origem da identidade gaúcha, por meio de fotos, documentos, textos, projeções, reportagens e quaisquer narrativas que contribuam a esse fim. O programa, em todas as instalações, se dá na maneira de também um percurso, funcionando como diferentes linhas do tempo que se completam. Ao fim da exposição, se dá a única janela voltada para dentro do projeto, e mirando exatamente na próxima instalação a ser visitada, visando guiar o percurso de maneira subconsciente. Se propõe que o acervo seja variado e composto de obras relacionadas ao tema doadas ou adquiridas de fundações públicas específicas ou de caráter privado, como o Centro Cultural Erico Veríssimo, a CCMQ, Memorial do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

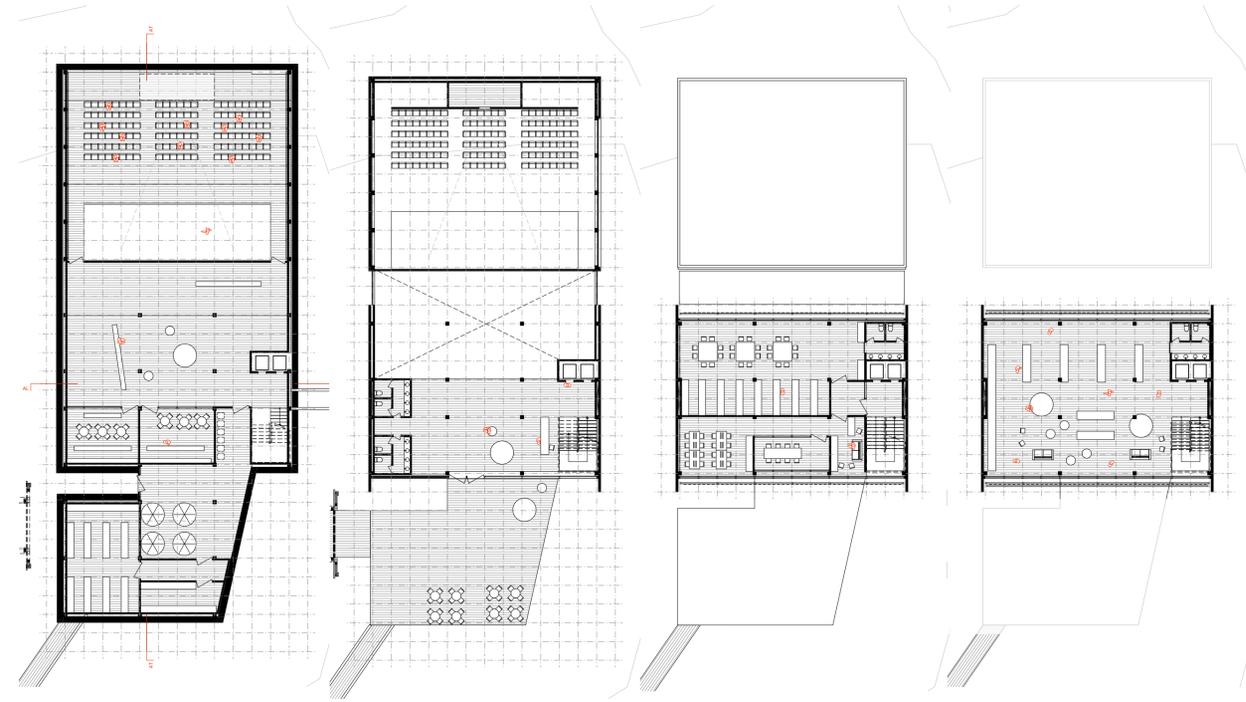
A próxima parada, a instalação etnográfica, funciona de maneira semelhante, se instalando longitudinalmente ao desnível, respeitando o perfil já muito degradado do terreno. Nesse trecho, o conteúdo a ser exposto é de caráter étnico, reforçando os diferentes povos que foram ao longo dos anos moldando a identidade gaúcha, enaltecendo a justa contribuição de todos que participaram dessa história. Expositores a nível médio sustentam objetos históricos, contam lendas, características e costumes de cada povo, apresentam vestimentas e exemplificam como esses elementos foram sendo inseridos em uma identidade comum. O acervo etnográfico englobaria parte do que hoje pertence ao MARS (Museu Antropológico do Rio Grande do Sul).

Por último, a instalação arqueológica está localizada na margem leste da cratera, em uma grande área plana elevada. Devido ao caráter da exposição, a edificação possui dimensões maiores para comportar diversos artefatos da cultura gaúcha, encontrados em diversas escavações feitas especialmente pelo MARSUL (Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul).

As instalações ficam isoladas de maneira intencional, para que se crie um tempo de introspecção entre as visitas. Os percursos pela cratera são de grande importância para que se compreenda com calma os diferentes assuntos, enquanto o público tem contato com a natureza, com o vento, o frio. As passarelas são propostas inteiramente em madeira, assim como grande parte do projeto em si, por ser um material barato e local. A estrutura se dá por vigas treliçadas que funcionam como guarda corpo e sustentam uma estrutura transversal em forma de mãos francesas invertidas. Pelo interior, há a instalação do piso e fechamento vertical, formando um casco rígido e inteiriço, remetendo a estruturas básicas e de caráter mais tosco, contrastando com os grandes vãos vencidos.

O eixo principal é sustentado por pilares duplicados, que formam cavaletes, com travamentos transversais expressivos inspirados em antigas estruturas de mineração e pontes ferroviárias. Tirantes metálicos travam a estrutura no sentido longitudinal, proporcionando maior estabilidade. Uma cobertura translúcida acompanha todo o trajeto, proporcionando conforto para o público que apenas deseja chegar ao equipamento âncora em climas não favoráveis para caminhadas em áreas abertas. No ponto central dessa caminhada se encontra a praça seca, uma grande área aberta no ponto mais baixo do conjunto, servindo como um mirante invertido para as imensas paredes da antiga pedreira. Esse espaço também pode comportar shows e projeções ao ar livre. Todo o projeto permeia no linear entre o robusto e o etéreo, buscando sempre adicionar a sensorialidade da própria arquitetura à narrativa proposta.

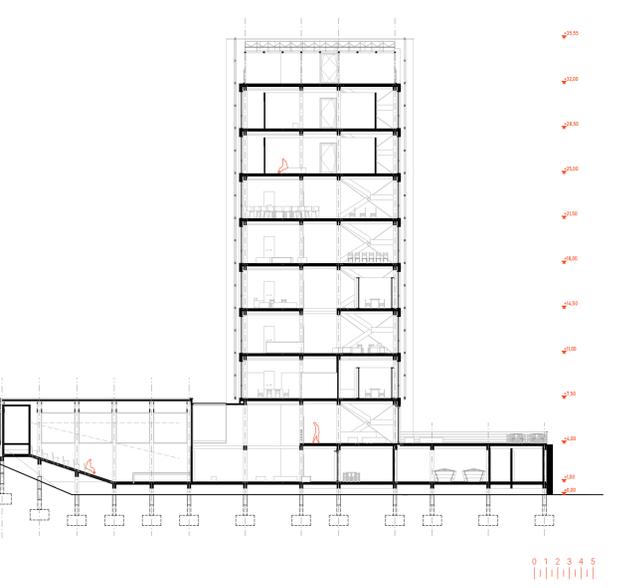
O equipamento âncora comporta a maior parte do programa fechado, sendo acessado pelo nível do eixo principal, elevado a 4m do solo. Ao nível térreo há uma recepção, sanitários e a torre de circulação vertical, que acompanha a fachada norte da edificação por todos os pavimentos. No nível inferior se encontra o auditório, instalado acompanhando o perfil do terreno, se conectando ao corpo principal do edifício por um foyer situado na parte inferior do pé direito duplo do nível do acesso, criando um mezanino invertido, iluminado por uma grande abertura zenital que separa as materialidades dos dois grandes volumes. Os pavimentos superiores do equipamento âncora comportam a administração e acervo no nível 2, a biblioteca e salas de estudo nos níveis 3 e 4, salas de oficinas nos níveis 5 e 6 e salas de exposições itinerantes nos níveis 7 e 8, assim como uma cobertura técnica no pavimento 9, onde se encontram as instalações de sistemas de ar condicionado, caixas d'água e painéis fotovoltaicos. A edificação conta com esquadrias nas fachadas leste e oeste protegidas por brises verticais em madeira, e empenas cegas nas fachadas norte e sul onde passam os tirantes de travamento da estrutura e os shafts.



8 | Equipamento âncora | nível auditório 8 | Equipamento âncora | nível acesso 8 | Equipamento âncora | nível 2 8 | Equipamento âncora | nível 3

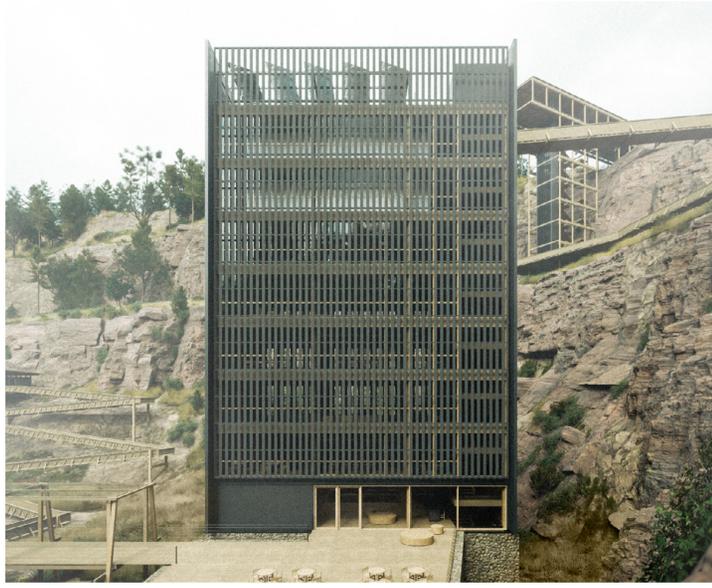


8 | Equipamento âncora | nível 4 8 | Equipamento âncora | nível 5 e 6 8 | Equipamento âncora | nível 7 e 8 8 | Equipamento âncora | cobertura



8 | Equipamento Âncora | corte transversal

1. acesso ao público: rua com balcão visivo, estacionamento, bicicletário e ponto de ônibus 2. ponto de entrada ao centro cultural / acesso secundário para serviço - conexão direta ao equipamento âncora 3. centro de visitação 4. instalação histórica 5. instalação etnográfica 6. instalação arqueológica 7. praça seca 8. equipamento âncora 9. mirante 10. parque 11. Carga/descarga serviço 12. terraço



O caráter austero e contido do Equipamento Âncora, o único elemento essencialmente vertical do projeto, busca traduzir essa estética do frio de Ramil à arquitetura, como se o severo sotaque do sul pudesse tomar forma sólida. Um solene obelisco que renuncia cores e ornamentos, não revelando a própria face a quem o vê de longe, sendo necessária a aproximação do público ao edifício para que esse revele sua transparência. Essa compleição sólida transpassa também a seu volume adjacente - o auditório, que foi locado em uma posição que facilita tanto sua estruturação quanto seus fluxos e rotas de saída. Esse, por sua vez, possui esquadrias laterais com a possibilidade de total fechamento para projeções cinematográficas ou, abertura completa, convidando a difusa luz natural rebatida nas pedras para o seu interior. Esse espaço de eventos, com capacidade para oitenta e quatro lugares, não pretende concorrer com grandes teatros e casas de show da capital, optando por um caráter mais íntimo e informal, visando receber eventos de menor porte e complexidade, mais compatíveis com as dimensões e a proposta do conjunto como um todo, dando visibilidade a produções locais de menor escala.

PRÊMIO IAB RS - turmas 2023

3/4

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL - DEPARTAMENTO DO RIO GRANDE DO SUL